



H0645

UM ESTUDO SOBRE A NOÇÃO DE VIRTUDE MORAL NA ÉTICA-NICOMAQUÉIA DE ARISTÓTELES

Renata Silvestrini (Bolsista PIBIC/CNPq e FAPESP) e Prof. Dr. Lucas Angioni (Orientador)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH, UNICAMP

Em *E.N.* II, 6, a virtude moral é definida como “disposição para a escolha orientada para a mediedade relativa a nós, mediedade esta que é determinada pela prescrição racional e do modo como aquele que possui sabedoria prática determina-a”. Investigamos os argumentos expostos no livro II pelos quais Aristóteles chega aos elementos presentes nesta definição, bem como buscamos nos livros I, III (capítulos 1 a 5), VI e X (capítulos 6 a 8) outros elementos necessários ao entendimento da virtude moral, tomando como perspectiva: (i) a relação entre virtude moral e *eudaimonia*; e (ii) a relação entre virtude moral, escolha e sabedoria prática. Temos que a *eudaimonia*, de acordo com *E.N.* I, 7, é um bem completo, auto-suficiente, não contável com os demais e definida como “atividade da alma racional na virtude (e, se há mais de uma virtude, na melhor e na mais completa)”. A definição aristotélica de virtude moral mostra que a escolha, desejo habilitado pelo pensamento ou pensamento habilitado pelo desejo, e a sabedoria prática, certa correção de pensamento que implica apreensão de um fim moralmente bom, conhecimento a respeito dos particulares relacionados à ação e determinação daquilo que melhor realiza pela ação tal fim, são elementos que implicam atividade racional na virtude moral. Sendo assim, se entendermos a *eudaimonia* como um bem de segunda ordem inclusivista, e não como um bem dominante exclusivamente identificado com a sabedoria filosófica, a virtude moral, que implica necessariamente atividade racional, seria elemento constituinte e necessário da *eudaimonia*.

Virtude moral - *Eudaimonia* - Sabedoria prática